

P R O C Ó P I O

O
ATOR
VASQUES

O HOMEM E A OBRA

* Este livro foi composto e
impresso nas oficinas de
José Magalhães, á Rua
Quirino de Andrade, 59
São Paulo - 1939



O ZÉ PEREIRA
CARNAVALESCO

Cousa cômica que se deve parecer muito

com

LES POMPIERS DE
NANTERRE

arranjada pelo artista

F. C. VASQUES

Typo. e Lithographia POPULAR — De Azeredo Leite.
7 - Praça da Constituição - 7
(Lado da rua da Carioca).
1869.

PERSONAGENS

- JOAQUIM MADRUGA (funileiro, e que toca clarineta, para massar o próximo, nos dias de Carnaval). Sr. Vasques
JOÃO PIMPÃO — (charuteiro, tocador de zabumba pelo mesmo motivo). Sr. Ferreira
JOSE' DA VÉSTIA — (vendedor de galinhas e tocando caixa de rufo por sua conta e risco). Sr. André
MANOEL FERREIRO — (assoprador de fagote, para prejuízo dos tímpanos da humanidade). Sr. Pinto
JOANA PERERECA — (virtuosa creatura, que frequenta o Pavilhão). Sra. D. Virgínia
O CHICO DA VENDA — (Pedestre, for-

mando como sempre a OPINIÃO PÚBLICA). Sr. Carvalho

MASCARADOS DE TODOS OS GÊNEROS

A ação passa-se no Rio de Janeiro, oito horas antes de Quarta-feira de Cinza.

ATO ÚNICO

(Praça)

CENA PRIMEIRA

MADRUGA, PIMPÃO, VÉSTIA e FERREIRO
OS QUATRO — (entrando da E. A. tocando os seus instrumentos; cantam): —

E viva o Zé Pereira!
Pois que a ninguém faz mal
E viva a bebedeira
Nos dias de Carnavall
Zim, balala! Zim, balala!
E viva o Carnavall!

VÉSTIA — Alto frente, porfilar! Olha à direita, Joaquim Madruga; parece que andas sempre fora do alinhamento da *Caimbra Bonicipall*

MADRUGA — Olá, seu homem dos funís, não quero graças comigo, senão enfio-lhe esta clarineta pela bôca a dentro, que você fica três dias a tocar variações em lá menor.

FERREIRO — Eh! lá! eh! lá! Então isto vai a vias de fato?! Havia de ser engraçado você meter assim um instrumento pela barriga dentro do outro. Hoje é dia de Carnaval. Rufe, seu Zé da Véstia e não se arufe com os outros.

PIMPÃO — Apoiado! Viva o Manel Ferreiro. (*Cambaleia*) — Oh! gentes a modo que eu já estou meio bêbado!

VÉSTIA — Está dito, nada de brigas; vamos antes descansar um pouco! Eu já tenho os braços moídos.

MADRUGA — Eu também já tenho um calombo no beijo de riba de tanto assoprar neste canudo.

- FERREIRO — Eu arranhei a venta esquerda com a ponta d'êste cachimbo e tenho espirrado tanto... (*Espirra*)... que é impossível que amanhã não haja sol.
- PIMPÃO — Então o teu nariz tem *pervelégio* de folhinha americana?! (*Cambaleia dando uma risada*) — Oh! gentes a modo que eu já estou meio bêbado!
- VÉSTIA — Vamos nós, para matar o tempo, fazer adivinhações?
- OS OUTROS — Vá feito, vá feito! Quem principia?
- MADRUGA — Eu! — Qual é a nota de música que anda no céu e no mar?
- PIMPÃO — E' a baleia.
- OS OUTROS — Ah, ah, ah! Oh! que cavalgada!
- PIMPÃO — Cavalgada, não! (*cambaleia*) — Oh! gentes, a modo que eu já estou meio bêbado! — Que *marvados!*
- FERREIRA — Espera, espera! E'... é... é... (*pausa*) — Ah! não é, não!
- VÉSTIA — Ah! já sei! A nota de música que anda no mar e no céu é — falua.
- OS OUTROS — Bravo, viva, viva!
- MADRUGA — Prestamos os *escómios* ao talento do José da Véstia.
- OS OUTROS — Vá feito, vá feito! (*Cantam e marcham*).
E viva o Zé Pereira, etc. etc..
- VÉSTIA — Alto frente, *porfilar!*
- MADRUGA — Lá vai outra! — Qual é a letra do alfabeto, que muita gente boa gosta de pregar nos alfaiates, sapateiros, donos de casa, etc. etc..
- PIMPÃO — (*gritando*) — E' gis! é gis! acertei, acertei!
- MADRUGA — Oh! que orelhudo. Vai cozinhar a mona! Então, gis, é letra do alfabeto, cavalo?
- PIMPÃO — Pois não é? O analfabeto não é assim? Abc, d, e f, g, h, i, ji, ji, gigis!
- OS OUTROS — Ah, ah, ah! Êste aprendeu no tico-tico.
- FERREIRO — Eu já sei o que é. A letra que se deve pregar nos alfaiates, sapateiros, donos de casa, etc. etc. etc. é... é... o K-lote.
- MADRUGA — Viva o Manoel Ferreiro. Prestemos homenagem à sua *inlevada* inteligência. (*Marcham e cantam*).
- OS QUATRO — E Viva o Zé Pereira, etc., etc..

- VÉSTIA — Alto frente, *porfilar!* Agora, enquanto não vamos para o baile, onde vai fazer furor a nossa sociedade, cantemos alguma cousa.
- FERREIRO — O que há-de ser?
- VÉSTIA — Asneiras do Carnaval, tudo serve! Eu principio: (*Canta*):

Uma tarde passeiando
Lá na rua do Sabão,
Eu fiquei sem meu chapéu
Por causa da viração!
Eu não sinto, o meu chapéu
Nem que isto me aconteça
Sinto; só deixar com êle
A minha pobre cabeça.
E viva o Zé Pereira, etc. etc..

- TODOS — E Viva o Zé Pereira, etc. etc..
- MADRUGA — Também não perdias lá grande cousa. Agora eu. (*Canta*):

Uma vez brincava eu
Com dois caroços de mangas
E em casa sem querer,
De vidro, parti as mangas!
Fujo pra rua, que a velha
Queria escovar-me o pó;
E uma manga d'água ensopa-me
As mangas do paletó.
E viva o Zé Pereira, etc. etc..

- TODOS — E viva o Zé Pereira, etc. etc..
- FERREIRO — Isso é mangação! Agora entrou eu! (*Canta*):

Uma vez em certo hotel,
Uma taíinha eu comia
Que o sujeito afiançava
Ser pescada nesse dia;
Caça o dinheiro da gente
Com êle faz sua dita
Sendo às vèzes estas cassas
Escassas varas de chita.
E viva o Zé Pereira, etc. etc..

- TODOS — E Viva o Zé Pereira, etc., etc..

PIMPÃO — Agora, *farta* a minha, *farta* a minha!

MADRUGA — Oh! quadrúpede, ainda não estás farto de dizer asneiras!

PIMPÃO — E' uma história, que eu vou contar. Meu pai, queria vir pra cidade e pediu-me pra eu ficar tomando conta da sua fazenda, onde se *curtivava* o *argodão*, e eu então lhe disse: (*canta*):

Pois bem meu pai eu fico
Da sua fazenda guarda
Mas como eu adeministro
Quero já ter uma farda.

MADRUGA — (*interrompendo-o*) — Uma farda de Ministro?! Não querias também a pasta da fazenda?

PIMPÃO — (*continua*).

Isso até não se pergunta
Tendo o negócio na mão
Eu havia de ter pastas
Da fazenda de *argodão*.
E viva o Zé Pereira, etc. etc..

TODOS — E viva o Zé Pereira, etc., etc..

MADRUGA — Agora, saíamos do canto e vamos...

TODOS — (*se encaminham para o F. E. deixando-o sozinho e dizendo*) — Sim, vamos para o largo!

MADRUGA — Qual largo, nem meio largo, só se, à larga já andam as vossas algibeiras; eu falo do canto — canto e não do canto — esquina! Quero dizer que passemos das cantigas à prosa; façam de conta que vocês três, me elegem deputado e eu tenho de fazer o meu discurso de apresentação?

PIMPÃO — Então isto aqui representa, a *assembléia legislativa*?

VÉSTIA — Nós só dizemos: — apoiado!

MADRUGA — Não me interrompam; (*começa o discurso*) — A minha mão, senhores, é uma mão, disfruta a vida e torna a ser mão; pratica que enquanto for mão há-de aplainar táboas de gamão, para meu primo Simão que tem um gênio azêdo, conhecer ali mão doce de um carpinteiro. Sei que muitos bramam, pois gemam, eles me somam os lucros, mas não me aclamam seu mestre; e a minha cara, senhores? A minha cara não tem sido barata desde

que enguliu uma carapeta de banhar a careta com uma água que um francês de caráter fabricara, dizendo que fazia um bom característico! Ah! que se eu tivesse uma carabina, êle não me transformava a fisionomia em caracol; não fazia da minha cara pau de cabeleira, pois eu tenho uma enorme carapinha, ainda que eu use carapuça, ficarei reduzido eternamente a um caramanchão. E o meu pé? E' a parte mais forte do meu corpo, pois é um pedaço de carne e osso que me sustenta do lado esquerdo. Posso com êle pisar as brasas de uma fogueira que nunca ficará pèlado o meu pé lá dura. Que petição se pode fazer a um romano como eu, cujo pèdido é para que o deixem ser pèdante e fazer versos para obter um pé dilúvio ou pèlago nas portas do cemitério; além disso o meu pé nada em saúde, nunca teve febres, não precisa de sulfato, não é pequenino nem tão grande, que fique pègado, porque quando algum mano *busca pé* de brigar comigo, diz sempre no fim, depois de ter tomado pra seu tabaco: O senhor não *erra pé*. Vou falar agora da minha testa, contesta alguém este meu propósito? não! Pois então ouçam e passem-me um atestado de moço espirituoso para que eu fazendo testamento, possa dizer a meu filho; a testa que teu pai tinha, et cætera e tal pontinhos...

OS OUTROS — Viva o Joaquim Madruga, viva!

CENA II

OS MESMOS, CHICO DA VENDA, com uma coroa de louros enfiada no braço, trazendo pela mão JOANA PERERCA E MASCARADOS.

MASCARADOS — (*dentro*) — Deixem passar o Chico da Venda, êle vai falar às massas e coroar a inocência.

JOANA — (*entrando*) — Não me façam ficar corada.

UM MÁSCARA — Não envergonhem a Perereca.

JOANA — Perereca é a sua avó, não seja desavergonhado.

MÁSCARA — O' Perereca, Perereca, não tens água na caneca?

JOANA — Pensam talvez que me debicam?! Ora ouçam e passem! (*Canta*):

Vocês são uns idiotas
Em pensar que eu subo a serra.
Mas eu vou então provar-lhes,
Como dou com tudo em terra!
Hei-de dansar um cancan
Que há-de levar tudo a breca!
Embora que vocês gritem: —
Perereca! oh! Perereca!

E viva a Perereca
Pois que a ninguém faz mal
Sem água na caneca,
Nos dias de carnaval!

TODOS — E viva a Perereca, etc. etc..

CHICO — Silêncio! Minha língua vai entrar de serviço.

OUTRO MÁSCARA — Tem a palavra o Chico da Venda.

OS MÁSCARAS — Ouçam, ouçam!

CHICO — Mancebos e mancebas, a Opinião Pública vos observa correi, saltai, dansai, já o fizeste ontem, podeis continuar hoje; quem tem seu vintém, bebe logo! e o dia de amanhã que representa, sem contestação o futuro, vos apontará o erro, e entre suspiros e ais, quando a cataplasma de linhaça invadir o vosso corpo, murmurareis baixinho: — "Quem te mandou, sapateiro, tocar rabecão?" (A Joana)
— Menina, esta coroa de louro, símbolo das tuas vitórias; tem neste momento uma outra significação: — foi um cozinheiro, um homem que tem o tempêro na mão quem ma forneceu, possas tu com ela temperar eternamente a panela da tua existência. Não te meto o azorrague da crítica, mas sempre te direi: Joana, — nem tudo o que luz é ouro, — o sol quando nasce, é para todos; — reflete, enquanto estás em anos verdes, maduramente nas minhas palavras; a loucura fechou-te os olhos, tirou-te a vista, mas eu, sentinela da inocência, te brado: — abre o olho! — Quem me avisa, meu amigo é! — Mais vale quem Deus ajuda, do que quem muito madruga.

TODOS — Apoiado, muito apoiado!

CHICO — (continuando) — Não deixes entrar pelas tuas narinas, êsse pó envenenado das orgias; mais tarde, quando louca de tanto espirrares, não quiseses dêsse rapé, ficarás eternamente tomando para o teu

tabaco. (*Todos espirram*) — Dominus tecum. Reflete que a locomotiva das tuas vontades, passando por Maxambomba e Sapopemba, chegará um dia à última estação e nesse dia então, consultando a tua carteira vazia, os teus encantos murchados, vendo que a locomotiva parte deixando-te banhada em lágrimas, exclamarás, levantando o dedo para o ar: — E' tempo será de m-i-c-o-có, laranja da china, tabaco em pó! (*Acaba chorando*).

TODOS — (*repetem chorando também*) — E' tempo será de m-i-c-o-có, laranja da china, tabaco em pó! Viva o Chico da Venda! viva!

CHICO — Obrigado, rapaziada! Hoje é o último dia de Carnaval, o baile vai começar; comecemos nós também, dansando aqui, para nos abrir o apetite, uma quadrilha rasgada.

TODOS — Vá feito, vá feito!

VÉSTIA — Antes disso deixem esta menina dizer ao que vem.

CHICARD (*moça canta*):

O Zé Pereira no Carnaval
Pode o zabumba rebentar,
Mas depois desta folia
Outros lhe tomam o lugar!
Sem máscaras percorrem êles
As ruas desta cidade,
Arrebentando sem malho
A pele da humanidade!
E viva o Zé Pereira, etc. etc..

TODOS — E viva o Zé Pereira, etc., etc..

MADRUGA — Agora eu, por parte do autor. (*Canta*):

O autor manda pedir
Um pouco de paciência,
Mais do que nunca precisa
Tôda vossa indulgência?!
Dêem palmas e desculpem
Êste trabalho grotesco
Que devendo se chamar

— Les Pompiers de Nanterre, excentricidade parisiense, que se representa no Alcazar, mas que êle aqui intitula:

O ZÉ PEREIRA CARNAVALESCO!

E viva o Zé Pereira, etc. etc..

TODOS — E viva o Zé Pereira, etc., etc..
 CHICO DA VENDA — Agora a quadrilha! (*Dansam a quadrilha e... aguentem-se no balanço*).

F I M

O SÊLO DA RODA

Cena dramática.

Extraída do romance do mesmo titulo de

PEDRO IVO

por

F. C. VASQUES

A' venda
 Na Livraria Popular de Cruz Coutinho, Editor.
 75 — Rua de S. José — 75.
 1 8 7 8.

O SÊLO DA RODA

Sala. Luiz só, ao levantar o pano está sentado em uma cadeira, apoiando a cabeça sobre o braço, que descansa em cima da mesa.

CENA ÚNICA

O sêlo da roda!... O sêlo?!... Não sei porque, repugna-me esta palavra. Traz-me à ideia um sinal, estigma, le-treiro, marca impressa dum forma indelével, em coisa, de que a todo o tempo se quer reaver a posse! A Roda! Que mundo de idéias, associadas a esta torpeza, poetizada por uma caridade respeitável, mas que me parece pouco inteligente! Quando deixará de existir essa cúmplice dum imenso crime

que se decompõe em miríades de crimes?... (*Levanta-se*) — Ah! calai-vos poetas!... Eu sei, eu adivinho o que ides dizer-me, mas por piedade... calai-vos! Que me importa a des-honra da mãe, se a mãe seria a meus olhos sublime, e augusta, apresentando-se mártir do seu erro, sagrada pelo seu amor, grande pela sua coragem! Não me faleis em considerações de família! Não me faleis na traição, no abandono; anulai a cúmplice, deixai pairar sobre as famílias o terror do escândalo, o espectro da infâmia e vereis como os pais e os irmãos saberão encontrar em si a energia precisa, para exigir reparação aos su-dutores! Não advogueis a causa da mulher abandonada, se esta mulher lançou o filho à roda! Esta infâmia excede quanto a mim, a do vil que a traiu, quase que mo faz desculpar a êle: quem não sabe ser mãe, não deve ser espôsa. Por quem há-de sacrificar-se uma mulher, se se não sacrifica por seu filho! Es-curece-me a razão o ter de admitir que a mulher abandonada, se luntariamente a prole quando a fera morre para guardar a sua! Não elogieis as Rodas; dizei o que elas realmente são! Não atenuéis o remorso das mães, pintai-lhes com as côres bem negras as côres verdadeiras, essa providência da infâmia! Fazei vibrar as cordas tôdas; não esqueçais nenhuma! Mos-trai-lhes a cifra da mortalidade lá de dentro... Ah! não, ses são os mais felizes!... Pegue no enjeitado, quando o toque apressado da campainha chama a rodeira, acompanhai o infeliz na trabalhosa carreira da vida, até que a morte, velan-do-o com as negras asas, o transporte à mansão, onde nin-guém é enjeitado, porque há apenas um pai para todos. Não agitada pelo terror e consciência do crime, abre a portinhola, poussa a criança, faz girar a roda sobre o eixo e busca na fuga a impunidade! Passados dias, aparece uma aldeã; recebe a criancinha, será necessário dizer como é tratado o mísero que vai disputar uma parte do sustento a quem tem direito ao todo?

O enjeitado cresce, a alma anuncia-se; a inteligência desabrocha; a força desenvolve-se... vejamos para que lhe serve isso. Cresceu. Vai longe o tempo em que lhe não in-vejavam umas sobras de leite; é-lhe preciso pão. Começam aquí as recriminações e os maus tratos, e a mãe que sente em si a bofetada que dá num filho, fustiga sem piedade o enjei-tado!...

Chega a adolescência; a medida enche-se e transborda... Volta costas ao lar, que de má vontade o aqueceu onde não deixa saudade, donde não traz uma única recordação risonha; contempla os braços, os únicos de que espera auxílio; crava